

Lula em baixa

23 OUT 1997

CORREIO BRAZILIENSE

Certa vez, Lula fez um comentário irônico em relação a Paulo Maluf, que se proclamava o mais competente dos candidatos à Presidência da República: "Deve ser porque compete, compete e não ganha nunca". Maluf já havia disputado duas eleições presidenciais (uma indireta e outra direta) e o governo de São Paulo, sem êxito. Absorveu a ironia com um sorriso amarelo.

Agora é Lula que vive a incômoda circunstância de seu rival. Já perdeu uma eleição para o governo de São Paulo e duas sucessões presidenciais seguidas, sendo que a anterior por goleada, ainda no primeiro turno. A rigor, porém, não significa muita coisa.

François Mitterrand perdeu também duas eleições presidenciais antes de chegar à Presidência da França, onde reinou por dois mandatos consecutivos de sete anos. Cada eleição é (ou pode ser) uma história diferente. Depende do candidato. Lula, porém, está sendo questionado, dentro e fora do PT, pela mesmice de seu discurso, que sugere ao eleitorado a idéia de uma candidatura meramente de contestação.

Lula está insatisfeito com essas críticas, mas reconhece que seu nome não tem o poder de aglutinação necessário para derrotar Fernando Henrique. Até aqui, atraiu apenas o PDT de Brizola, adesão insuficiente para mobilizar o conjunto das oposições. O PDT não chega a ter existência comprovada, no plano da realidade política nacional.

O governador Miguel Arraes, presidente nacional do PSB, não quer Lula como candidato de consenso da oposição. Diz que não é nada de pessoal. Apenas Lula não atrai as forças de centro. Prefere, por isso mesmo, Ciro Gomes, embora não ao ponto de entusiasmar-se.

Arraes, a rigor, não é um ser entusiasmasmo. Exibe sempre expressão de imenso fastio, o que o torna um personagem enigmático. Como passou a ter peso na articulação sucessória oposicionista, ela se tornou ainda mais confusa do que se supunha. Mas essa é outra história.

Lula, que era aguardado ontem à noite no Brasil, vindo da Itália, mostra-se decepcionado com alguns companheiros da esquerda,

dentro e fora do PT. Não absorveu a candidatura Ciro Gomes; acha que tinha precedência sobre ela e não foi tratado à altura.

Queixa-se de Arraes e do senador Roberto Freire (PPS-PE), dos quais esperava tratamento mais fraternal. Em entrevista a um jornal italiano, admitiu a impotência de sua candidatura, sugerindo que desistirá. Se a desistência se confirmar, o PT volta discutir o comportamento que terá na sucessão.

Se prevalecer a tese de candidatura própria — predominante no partido —, o nome do ex-prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, é o favorito. Se, porém, prevalecer a tese de apoio a uma candidatura externa, quem passa a ser bem cotado é o senador peemedebista Roberto Requião (PR), cuja candidatura, até aqui, não é levada a sério nem dentro do próprio partido. PT e Requião andam juntos desde a CPI dos Precatórios, quando afinaram os discursos.

De quebra, como lembrou Delfim Netto, "ele tem quase todos os defeitos indispensáveis para eleger-se presidente".